

ODE AOS LIVROS QUE NÃO POSSO COMPRAR

João Tiago Lima*

É comum os poemas serem uma tentativa de auto-definição. Ou do que seja a poesia, sendo que o gesto não é exactamente o mesmo. Às vezes esse modo de definir é quase explícito como se o novo poema (em rigor, só há poema se ele for de certa maneira novo) fosse pouco menos do que o verbete de um dicionário que jamais se completa. Em outras ocasiões, é o poema em si mesmo – mas esta expressão precisa de ser continuamente elucidada – que vai para além dos limites mais ou menos convencionais da própria poesia. Num certo sentido, o novo poema avança, sem pedir licença, para alargar as fronteiras de um continente que a cada momento se refaz. Não é certo que “Ode aos livros que não posso comprar” faça parte da categoria destes poemas. Datado a 27 de junho de 1944 e vindo a lume três anos depois na revista *Portucale*, apenas após quase quarenta anos de servidão se lhe abriu a porta de um livro. Não é, por isso, dos poemas mais conhecidos de Jorge de Sena, o que não significa senão isso mesmo.

Trata-se de uma ode que, pelo menos numa primeira leitura, parece desorganizada. Depois de duas curtas estrofes que, em virtude da sua excessiva transparência, se diriam menos poéticas (“Hoje, fiz uma lista de livros,/ e não tenho dinheiro para os comprar” e “É ridículo chorar falta de dinheiro/ para comprar livros,/ quando a tantos ele falta para não morrerem à fome.”), a escrita densifica-se num longo e decisivo passo que talvez vise evidenciar a complexidade da condição existencial do ser humano no mundo (“quanta humanidade eu vou pacientemente juntando”). Já as duas últimas estrofes deixam, pelo menos no mero leitor que sou, uma impressão ambivalente. Começam ambas por um verso quase enfático na sua imperatividade (“Não posso nem sei esquecer-me de que se morre de fome” e “Por isso, preciso de comprar alguns livros”) para, logo depois, o tom se

furtar a qualquer simplismo, como se desta forma o poema fugisse a uma certa cartilha neo-realista.

Jorge Fazenda Lourenço diz ser este um caso no qual se observa “uma sábia mistura de “poema de circunstância” e de “poema social””. Estou de acordo. Tanto mais que tudo parece funcionar, em “Ode aos livros que não posso comprar”, num duplo registo. Por um lado, encontra-se, através das ideias das portas que se fecham e das curvas que, por serem demasiado rápidas, parecem deitar tudo a perder, a denúncia das dificuldades da vida: daqueles a quem o dinheiro falta para não morrerem à fome e daqueles que, sem livros – sem poesia? –, à fome também sucumbiriam. Por outro lado, verifica-se a vanidade dessa mesma denúncia face a “outra fome maior” que, de algum modo, compara a vida a uma interminável viagem (“nas curvas da vida”, “o carro elétrico”). Essa duplicidade é rematada na esplêndida estrofe final em que sete versos combinam admiravelmente a transparência e a complexidade. Qualquer coisa como isto. Os livros que se abrem como portas. Os livros que se fecham e arrumam como inúteis. Os livros que, trocando as voltas às curvas da vida, nos conduzem a novas portas que, por sua vez, acabarão sempre por se fechar.

* Departamento de Filosofia da Universidade de Évora/Centro de Investigação de Ciência Política (CICP). Principais Obras: *Existência e Filosofia. O ensaísmo de Eduardo Lourenço* (2008), *Estética e Desporto* (2016) e *Jogar sem Bola. Literatura, Filosofia e Futebol* (2018).